



Foto: Ana Carolina Mata

*Ana Carolina Mata*

*Waldileia Amaral* <sup>Denise Sá</sup>

*Grê Dias*

*Shaira Mana Josy*

*Lyah Corrêa*

*Jennifer Sales*

*Lucélia Ferreira*

*Alanna Souto*

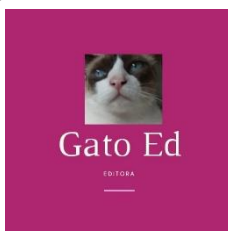
*Raida Trindade*

*Leila Leite*

*Carla Marinho*

*Rosa Correia*

*Fuzafina da Silva Ferrão*

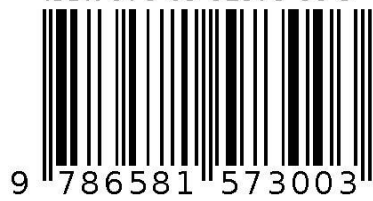


2020



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-65-81573-00-3



9 786581 573003





Leila Leite (org.)

# O Encontro

1ª Edição

Denise Sá  
Waldileia Amaral  
Ana Carolina Mata  
Gê Dias

Shaira Mana Josy

Lyah Corrêa  
Jennifer Sales

Alanna Souto

Raida Trindade

Leila Leite

Carla Marinho

Lucélia Ferreira

Euzalina da Silva Ferrão

Rosa Correia

Belém-Pará  
Editora Gato Ed  
2020

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

E56 O encontro [recurso eletrônico] / org. Leila Leite. — 1. ed.  
— Belém : Gato Ed, 2020.  
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-81573-00-3

1. Literatura - Escritoras - Contos. 2. Mulheres -  
Amazônia - Histórias de vida. 3. Mulheres - Identidade. I.  
Leite, Leila. II. Título.

CDD B869.3

**Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato e-book no site da Editora Gato Ed.**

# **E-BOOK GRATUITO**

## Algumas palavras

A importância de organizar uma coletânea literária com textos imagéticos e escritos de mulheres da Amazônia paraense, incluindo uma nordestina de Alagoas, que por alguns anos morou e estudou em Belém, todas graduadas, algumas com mestrado, outras com doutorado, outras fotógrafas e todas pesquisadoras, está em trazer à tona a liberdade que essas mulheres carregam em seu olhar e que escondem a sete chaves, com exceção de uma, que foi quem me deu a ideia, indiretamente de organizar este livro, Lyah Corrêa, mulher trans, psicóloga, que sempre escreve crônicas em seu perfil no *facebook*. Foi depois que li a crônica ,que agora se encontra nesse livro, que percebi que eu poderia tentar encontrar mais poesias com outras mulheres que não necessariamente se consideram poetas e outras que se assumem assim.

Assim, fui atrás e consegui todas as que aqui estão, poesias em diversos estilos, fotográficas, textuais, em verso, em prosa, rimadas, românticas, cada uma mostrando um lado que não é visível no cotidiano de todas elas. Aqui apenas Shaira Mana Josy e Alanna Souto são assumidamente poetas, mas todas são assumidamente mulheres inteligentes, independentes e cheias de conhecimento para oferecer.

Algumas dessas mulheres ainda não se conhecem, nem pessoal nem virtualmente, mas mesmo sem saber, vivenciam e pensam realidades próximas - o medo da violência, a luta contra o silenciamento feminino, a briga contra a misoginia, o prazer em ser feminina, a busca pelo ser feminista, os encontros e desencontros que calam e fazem falar.

Durante todo o percurso histórico da arte as mulheres foram apagadas, tratadas como loucas, quando ousaram criar, mostrar que têm imaginação, criatividade e capacidade para criar arte, pensar arte e mudar toda a arte criada e recriar estilos, temas e transformar realidades. As mulheres aqui presentes são todas capazes de tudo isso e muito mais.

Ao contrário do que os homens afirmavam no passado e ainda afirmam com muita certeza, neste século XXI, a arte feita por mulheres, a arte feminina e feminista existe, povoa o mundo das artes, incomoda, tem qualidade, transborda imaginação, questiona, diz a que veio e coloca o dedo na ferida da sociedade machista, misógina, homofóbica, transfóbica, lgbtfóbica, lesbofobia, a sociedade que tem o racismo entranhado, despreza quem considera diferente do homem hétero, branco, rico, nos despreza por sermos quem somos, mulheres.

Quem sabe, a partir daqui, todas não busquem produzir mais poesias e livros individuais e novas coletâneas venham por aí para nos maravilharmos ainda mais com seus sonhos e seus olhares tão diferenciados.

É noiz!

Leila Leite  
Organizadora.  
09-09-2019  
Segunda-feira  
23h



## Sobre nossos Encontros

Ao longo do processo histórico do chamado mundo ocidental as mulheres são apresentadas como inadequadas para o exercício das diversas áreas de conhecimento. De modo semelhante elas são silenciadas em atividades produtivas de diferentes ordens. A escrita e produções imagéticas realizadas por mulheres, por exemplo, são comuns embora nem sempre reconhecidas em termos de volume e importância. Devido a fatores relacionados ao patriarcalismo, o silêncio e obscurantismo dos textos escritos e imagéticos produzidos por mulheres ainda torna menos evidente esta produção.

As artes e ciências são espaços predominantemente masculinos e quando temos em evidência os processos e produtos criativos de mulheres há um estranhamento, como se não coubesse a elas criar e inovar. Num mundo grafocêntrico, no qual existe grande ênfase no texto escrito, as outras linguagens ganham menor peso e valor, como ocorre com a produção pela oralidade, pelas imagens e demais expressões das artes como um todo. Então, não apenas há o predomínio da escrita sobre a oralidade, há ainda a ênfase do texto científico sobre o artístico. Assim, nota-se que a hierarquização se faz notar em vários aspectos de nossas vidas.

E mesmo quando a produção pela escrita é tida como algo de maior relevância, os textos produzidos por homens ganham destaque devido à suposta racionalidade mais acentuada no sexo (biológico) destes seres humanos. Às mulheres cabe à dúvida constante sobre sua prática cognitiva que lhes levam ao registro de ideias pela escrita científica.

Do mesmo modo, as artes dão pouca visibilidade para a produção do que é feito por mulheres. Artes audiovisuais como um todo ainda são práticas

que não destacam com a atenção devida o que é idealizado, produzido, dirigido ou interpretado pelas artistas.

Mas, longe do vitimismo que essa situação possa suscitar, “O Encontro” é mais um convite à partilha de leituras femininas sobre o mundo. Com produção marcada por diferentes linguagens, o livro traz a oportunidade de diálogo no qual são convidadas todas as pessoas que buscam compreender as realidades atuais, a partir de diferentes vozes e olhares.

Olhares de mulheres que criam e se expressam de diferentes maneiras. Reflexões e críticas acerca dos temas atuais que instigam o debate e buscam posicionamentos num mundo onde não cabe a isenção e nem a imparcialidade.

Um mundo em que as manifestações de si são condições *sine qua non* de ser e estar nesse lugar histórico. Estas mulheres que se unem neste “Encontro” expressam-se de maneira contundente, mesmo que muitas vezes o façam pela via poética, lírica e com narrativas diversas.

“O Encontro” apresenta cotidianos de diferentes mulheres da Amazônia brasileira, em especial daquelas que vivem no Estado do Pará. Olhares de mulheres sobre o mundo de mulheres, com suas vivências em diferentes contextos.

Mulheres e suas marcas geracionais, marcas identitárias conforme o grupo étnico dos povos indígenas e não indígenas. Mulheres em diferentes contextos do mundo do trabalho, no qual as práticas produtivas estão relacionadas à ancestralidade e relação próxima com o ambiente natural. Há mulheres e seus desejos e anseios relacionados à estética corporal observáveis por suas pinturas, ornamentos e vestuários, em especial ao deslumbramento diante de um novo vestido. Os olhares múltiplos de mulheres sobre as múltiplas mulheres desta parte da Amazônia.

Mulheres e relações afetivas, suas experiências e vivências de sexualidade expressas em palavras escritas acerca do cotidiano e dos momentos excepcionais dos encontros afetivos. Viagens, idas e vindas em voos, navegações em pequenas naus pelos rios e igarapés, nos carros nas cidades, nas caminhadas e no olhar fixo das transeuntes. Tudo em movimento acompanhando o movimento de mulheres.

Neste "Encontro" encontramos a oportunidade de partilha de diferentes olhares que são apresentados em formatos que traduzem o modo como melhor se expressam cada uma das autoras. Longe de choramingar porque não lhes é dado espaço devido neste mundo majoritariamente masculino, as mulheres deste "Encontro" encontraram modos de se expressar e "jogar para o alto" as limitações que a sociedade lhes impõe.

As mulheres que se expressam na escrita ou com as imagens trazem oportunidades de pensar e sentir o mundo em conjunto. Não apenas olhar sobre os ombros, mas olhar, sentir e perceber ombro a ombro.

Excelente convite!

Denise Machado Cardoso

Outubro de 2019

## Sumário

Pequeno Kayapó .....	13
Kayapó.....	14
Cada dia.....	24
Muros .....	30
Retomada Feminina .....	31
O encontro... ..	33
MENTIRA!.....	34
...Da série reticências... Poemas sem títulos e muito de mim .....	35
A mulher flanelinha e o vestido .....	36
Sobre o som dos pássaros.....	38
Mulheres [Pan] amazônicas .....	39
Pipoca.....	41
Um dia apenas.....	45
A mala .....	54
As autoras.....	56

## Pequeno Kayapó

Por Denise Sá













## Kayapó

Por Ana Carolina Mata













## **Cada dia**

Waldileia Amaral

## **Cada dia**

Ritmos diferentes

Saberes, sabores

Diversidade, cultura

Paneiro e rasa

Medidas da cria que ganha o mundo

Diz que vai além do fruto de uma palmeira

Resistência

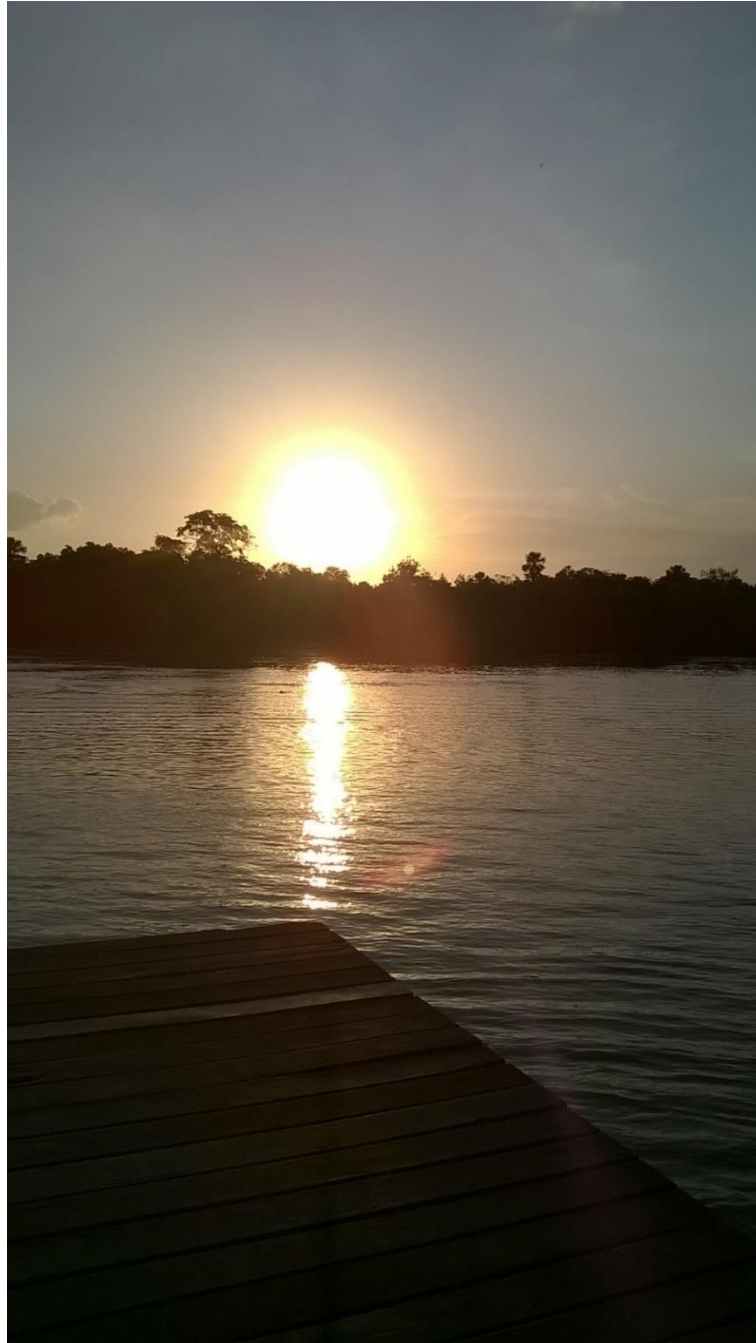




**Mulher tecendo paneiro com tala de miriti (*Mauritia flexuosa*)**



**Máquina despoldadeira para obter o vinho do fruto açai (*Euterpe oleracea* Mart.), conhecida como *batedeira de açai***



Antes de encerrar o dia, para minha surpresa, o pôr do sol se apresenta lindamente bem na minha frente como um presente, depois de um dia cheio de conversa com gente que conta a história da *beirada do rio*. Que privilégio!



Uma tarde no *jardim* de seu Rosaldo e Dona Maria. Abrigo de vida...



**Rabeta, embarcação utilizada como transporte escolar em *comunidade ribeirinha, Abaetetuba/Pa***

## **Muros**

Por Gê Dias

Pelas ruas da cidade nossos brutais muros têm renovações de conceito interessantes a nos mostrar.

A vida em muitas cores, novos borrões, o saber que vem do desconhecido.

A vida inteira procurei respostas prontas. Até entender que um futuro justo está por vir e não no agora.

Seguimos em marcha!

15 de abril 2016.

## Retomada Feminina

Por Shaira Mana Josy

Eu sou aquela  
Durante anos silenciada  
Eu sou aquela  
Conselheira de um tal homem na estrada  
Eu sou aquela  
Que ele não quis lembrar  
Quando até o chão eu construí pra ele pisar  
Em seus livros de honra e glória não constam nossas memórias  
Apagaram cada linha escrita da nossa história  
Mas eu vim só avisar que o que é meu eu vim buscar  
Carrego nas veias o sangue das bruxas que o machismo não conseguiu  
queimar.  
Não passarão  
Nenhum que tem o nome na minha lista  
Machistas, racistas, criminosos feminicidas  
Nem quem incentiva sentimentos de aversão ou covardia  
Não terá perdão  
Lesbofobia, transfobia, misoginia vão arder no fogo da minha ira  
Esperei por esse dia vão pagar pra ver  
O universo vai tremer  
Sabe porquê?  
Eu chego pra representar daqui de cima

Sou Norte

Sou Pará

Sou hip-hop feminista

Ultrapassando as barreiras com a fúria de um vulcão

Saí da frente eu tô chegando no olho do furacão

Quebrando paradigmas com rimas de revolta

É sem delicadeza é com firmeza e pé na porta

Sou Dandara

Anastácia

Aqualtune

Eu sou guerreira

Tu me viu, não finge não, vou sacudir a terra inteira !

Aqui é mulher negra calando a boca de macho escroto

Que diz que mulher preta não se valoriza

Ai se liga!

América latina vai ser toda feminista

Não aceito retrocesso e nem desculpa esfarrapada

Sou oásis no deserto

A energia do universo acumulada

Nada me para

Nada me cala

Sou o próprio cão de batom e saia

Corre te esconde ou ajoelha te humilha implora

Sem piedade vou passar e pisando nas tuas costas

Venha o que vier

E seja o que a deusa quiser

A queda do patriarcado vim assistir de pé.



## O encontro...

Por Lyah Corrêa

Recentemente, eu me convidei para sair e, para minha alegria, aceitei. Fui ao cinema comigo, me levei para jantar, passei comigo. Conversei horas a fio sobre coisas que nunca tinha tido coragem de me contar.

Nunca pensei que sabia tão pouco, ou praticamente nada, sobre mim. Algumas questões pensava que sabia, mas outras, me surpreendi. Em dado momento, perguntei se estava sendo chata comigo, mas respondi que não. Eu estava adorando aquele encontro.

Dancei comigo, me beijei, disse palavras as quais nunca teria dito a mim (e não estava bêbada). Encontrei ali, na minha companhia, a possibilidade de vivenciar momentos nunca antes vivenciados comigo. O melhor de tudo foi como eu me ouvia atentamente sem me julgar, me mutilar ou reprimir. Eu me ouvi atentamente.

Várias vezes, me abracei fortemente para me amparar de cada angústia, cada sofrimento e de cada peso que carregava, como também abraços para cada alegria que era ressignificar tudo isso.

De fato, o melhor encontro vivido. Eu me pergunto como só agora me permiti a isso. Não sei responder. Apenas levo a certeza de novos reencontros com aquela que percebi ser minha melhor companhia, eu mesma.

## MENTIRA!

Por Jennifer Sales

Me Tira Dessa Mentira

Vivemos Uma Mentira

Pensei viver numa Democracia

Eis Que Vejo a escolha de um POVO ser escamoteada por “uma”  
Mentira

Discursos imbuídos de “Decência”, “Moral”, “Família”, “deus” Que Família?  
Que deus?

Quem é esse deus, que ratos usam para justificar assassinatos

Me tira dessa farsa

Me Tira Dessa Mentira!

Quero Democracia!

Pés e mãos amarrados ...

Desamarremo-nos para gritar, gritar por IGUALDADE com  
DIVERSIDADE!

Para Nos Livramos de tanta Putaria

Quero Liberdade, Igualdade Fraternal

Quero Equidade, quero viver num país que o povo seja  
ouvido e respeitado[...] representado...

Me tira!

18/04/2016

**...Da série reticências... Poemas sem títulos e muito de mim.**

Por Raida Trindade

O ardor do amor lembra calor,  
afagos e carinho protetor.

Mas o que fazer quando o amor  
lembrar torpor desalentador?

Aí, minha querida, é hora de colocar todas as experiências em um  
misturador,

e tirar daí todo o pavor de viver um outro amor.

... a vida continua...

.....

A criança emudece,

O riso desaparece,

O adulto percebe,

E por quê a esperança esvanece?

Porque o mundo endurece,

A vida escurece

E a dignidade não floresce.

## A mulher flanelinha e o vestido

Por Euzalina da Silva Ferrão

Mais que a moda, a vida corrida requer que as mulheres estejam com uma roupa que as deixem mais a vontade, como a calça comprida, a bermuda, mas nenhuma outra peça de roupa deixa as mulheres mais exuberantes do que o vestido. O vestido, do jeito que for, permite que o corpo da mulher fique mais sensual. Ah, os vestidos!

Na tarde de quinta-feira, semana do carnaval, vi uma mulher, flanelinha, vestida de bermuda, sentada ao lado de seus colegas, amigos, companheiros, não sei a relação, mas sei que ela, naquele momento em que eu passava, estava sentada entre dois homens, um sentado com a flanela na mão e o outro com uma bandeja de doces, conversando. E ela quase não prestava atenção na conversa, estava, naquele momento, encostando um vestido em seu corpo; media o comprimento em sua altura, no busto, admirando-o, ria para o vestido, suspirava, os gestos demonstravam um ar de felicidade diante do vestido que era de cor salmão, com alças, curto, à altura das coxas, acima do joelho.

A conversa entre os homens continuava, os carros buzinavam por causa do trânsito parado e como eu estava dentro de um ônibus e enfrentava o engarrafamento, este foi o necessário para eu apreciar a cena da mulher e o vestido. Seu encantamento por ele era visível. Pensei, que prazer nós mulheres temos por experimentar um vestido, nos fechamos em nosso quarto para nos apreciarmos no espelho, às vezes, nos maquiamos para que ele fique mais harmônico em nosso corpo. Quando trabalhamos, saímos, muitas vezes aproveitamos à hora do almoço, para comprar um vestido para irmos a um jantar, uma festa e quando voltamos para o trabalho temos o prazer de o

apresentar às amigas, as colegas de trabalho. Outras vezes a compra é da “sacoleira” que foi ao trabalho vender e é bonito de ver a cena quando todas trocam opiniões sobre os vestidos e se divertem, parando para apreciar a amiga ou colega com seu novo vestido.

A mulher trabalhadora da rua, naquela tarde, não tinha outra mulher amiga, colega para ajudar a admirar aquele vestido e, diante da situação de não ter com quem dividir a alegria, ela dobrou e guardou em um saco juntamente com outros pertences que têm de apoio para a atividade de flanelinha nas ruas de Belém. Fiquei imaginado quantos comentários ela iria fazer quando chegar junto às amigas, irmãs e/ou filhas, sobre aquela peça nova que havia admirado sozinha naquela tarde. Ah, as mulheres e seus vestidos! Só sendo uma delas para saber como eles as emocionam.

## Sobre o som dos pássaros

Por Lucélia Ferreira

O que será que pensam os pássaros em um fim de tarde em que as nuvens se movem lentamente e o brilho do sol, aos poucos, deixa de resplandecer no horizonte? O que pensam os pássaros em um fim de tarde em que o vapor do calor se esvai tranquilamente acalentando, até mesmo, as árvores que precisam do som dos pássaros para se movimentar?

O que pensam os pássaros ao lançarem seus corpos no leve e sutil movimento de balé na amplidão do céu? Ao abrirem suas asas como se estivessem ordenando ao universo que toda a beleza que ali existe se abra sob seus olhos?

O que pensa o pássaro que ao se afastar do bando se lança a repetidos movimentos giratórios como se estivesse a brincar, como um menino ansioso por se banhar nas águas geladas do igarapé?

O que pensa a pessoa que vê pela janela do quarto a revoada dos pássaros? Quisera eu ser aquela pipa dançando no céu!

Belém, 16 de julho de 2015 18:16h

## Mulheres [Pan] amazônicas

Por Alanna Souto

Os seios das amazônicas amamentam milenarmente  
Os seres das matas entre queimadas e mortes, resistentes.  
O útero da mãe terra amazônica refloresta, renasce e reacende.  
Pan Fênix. Amazônicas perenes.  
Foram elas as primeiras gestoras.  
Índias. Guerreiras, parteiras, curandeiras.  
Donas de saberes. E de suas tradições autoras.  
E da semeadura da terra eram elas as agricultoras.  
Entre guerras inter tribais,  
Chegaram as batalhas contra coloniais.  
Lutava-se por mátria livre!  
E com a colônia novas faces.  
Pele negra, máscaras brancas.  
Tempos de escravidão negra.  
A negra amordaçada, ferida aberta.  
E sua irmã nesse agora, também, era a ÍNDIA.  
Choravam. Sorriam. Dançavam.  
Da violência sexual de suas vidas negras e índias.  
Surgia a “mestiça”. Entre casa grande, senzala e as aldeias.  
Na formação das cidades.  
Plantavam suas colheitas. Entre prantos da ancestral perdida.  
Não esquecida. Emergia! Grita: Tupi, Fon, Nagô, Bantu...

Amocambavam-se ou ajuremavam-se nas encantarias.

Renascidas nos seios dos tambores de mina.

Universidades a céus abertos: Cientistas.

Entres os muros fechados, também, ressurgem-se!

No aprendizado da ciência da academia.

Mestras e doutoras amazônicas se fazem.

E tomam suas cadeiras em defesa de suas maestrias.

Cabeças de seus corpos [docentes].

E de sua “nova” antiga cartografia.

Nossos lugares.

Nossas vozes.



## Pipoca

Por Leila Leite

Ela estava ali toda arrumada, os cachos e o vestido no lugar, a tiara de lacinho na cabeça, a pulseira no pulso, o talco e o perfume no lugar, cheirava como uma criança comportada e que não havia corrido quilômetros no quintal, apenas uma hora antes de sua chegada aquele lugar.

-Maria Flor, Maria Flor, menina, acorda, hoje vamos passear no bosque, acorda logo pra tomar banho e se arrumar, vou acordar teus irmãos.

A mãe pacientemente chamava um por um dos quatro filhos. Maria Flor era a mais nova, a única menina, paparicada por todos os avôs e avós, mas era mesmo a preferida de seu avô paterno; ele não teve nenhuma filha com quem passear, entrar na igreja de braços dados, nem mesmo fazer todas as vontades, então ele fazia todas as vontades de sua netinha.

Maria Flor tinha cinco anos naquele ano em que seu pai recebeu o chamado para ir participar da guerra e ela estava muito triste com sua ausência, chorava todas as noites quando deitava para dormir, só seu avô conseguia lhe fazer calar contando suas histórias de aventuras, comprando livros com histórias de piratas e aventuras que levavam sua imaginação muito além.

As brincadeiras com os irmãos também ajudavam a menina a se distrair. Sua melhor amiga era Aninha, amiga desde o berço, se podia dizer, as duas nasceram com poucas horas de diferença, na mesma maternidade e as mães ficaram no mesmo quarto, desde então, não se desgrudam, todas as brincadeiras são pensadas juntas e os passeios também são elaborados para que todas as crianças se divirtam juntas, então Maria Flor e Aninha não poderiam deixar de estar juntas naquele dia.

Maria Flor quando ouviu a palavra passeio pulou da cama mais que ligeiro, escolheu o melhor vestido e já estava começando a se arrumar quando a avó materna entrou no quarto e se assustou com tamanha esperteza, ela havia ido até lá para tentar acordar Maria Flor, mas ela já estava desperta e espeta.

-Ôpa! Mocinha, que ideia é essa de se arrumar sem tomar banho, nada disso, pode tirar esse vestido; a senhora acordou esperta mesmo hoje, vai já lá pra porta do banheiro que tua mãe tá dando banho nos outros e depois é tua vez.

Obediente, Maria Flor saiu do quarto para encontrar com os irmãos, que haviam acordado muito antes, já haviam brincado e agora estavam ansiosos para chegar até o bosque e encontrar todos aqueles bichos diferentes e correr muito. No caminho até o banheiro Maria Flor tem a sensação de ter ouvido alguém chamando lá no fundo do quintal, como o banheiro ficava no quintal mesmo, ela não viu nenhum mal em andar mais um pouco e procurar pelo dono daquela voz, parecia ser alguém bem pequeno.

O quintal era grande e cheio de plantas, muitas árvores, galinheiro, chiqueiro de porcos, árvores frutíferas, muitos animais, casas de cachorros, gatos andando por lá, alguns jabutis e muitos insetos. Para uma criança aquilo era o paraíso, Maria Flor se perdeu em meio a tudo aquilo, foi agachada procurando a voz que continuava lhe chamando.

-Menina bonita, vem aqui, Maria Flor, vem brincar comigo

Ela foi, acompanhou a voz, o chamado não vinha de uma altura normal, mas sim de baixo, muito lá de baixo, ela foi de gatinho andando até lá, encontrou, era uma joaninha, as duas começaram uma longa conversa, trataram sobre as brincadeiras preferidas, seu canto preferido no quintal. A joaninha lhe confidenciou que também não gostava muito de brincar com

seus irmãos, que preferia sua amiga formiguinha, mas queria fazer novas amizades.

-Eu sempre te observo quando vem brincar no quintal, tu não queres brincar comigo? Prometo que vamos nos divertir muito.

-Sim, quero muito, eu gosto muito de fazer novas amizades, minha melhor amiga é a Aninha, se quiser posso te apresentar ela também e vamos nos divertir bastante.

-Sim, eu quero, vamos brincar o dia todo.

-Sim, vamos.

Então um outro grito e seu nome ecoou com força, não tinha mais a delicadeza que há alguns minutos encantou Maria Flor até o quintal e quando ela virou para olhar era sua avó.

-Maria Floooooorrr, cadê tu? Sua moleca, tu deveria tá tomando banho a uma hora atrás, olha só como tu tá, toda suja. Vamo já pro banheiro.

-Já tô indo vó, eu tava conversando com minha amiga.

-Que amiga? Aninha tá lá na sala junto com as outras crianças te esperando, vamo logo tomar esse banho.

Maria Flor foi toda contente, havia encontrado uma nova amiga que a partir daquele momento, manteria em segredo e agora iria passear com sua melhor amiga no bosque. Dona Maria, sua avó, lhe deu um banho e a arrumou com todo o cuidado, todo o carinho, levou a menina pela mão e colocou sentada ao lado de Aninha sendo vigiadas junto com os meninos, pelos dois avôs que esperavam as mulheres se arrumarem para que todos partissem para o bosque.

No bosque, todos observando os animais e as plantas apresentadas por uma estudante que estava guiando os visitantes; era preciso ter cuidado,

principalmente com as crianças, a mãe de Maria cuidava dos meninos para que não corressem e deixou Maria aos cuidados do avô, mas ele se virou por um minuto para olhar o jacaré.

-Olhem Maria e Aninha, é o jacar...Maria Floooooorrrr, Aninhaaaa, cadê vocês meninas? ? ? ?

O avô saiu em busca, procurou embaixo de cada flor, cada folha, cada cantinho, os irmãos, as avós, nada das meninas.

-Mamãe, acho que elas foram sequestradas ou quem sabe o jacaré comeu as duas e o vovô não viu.

O avô desesperado, já estava chorando, até que lembrou do pipoqueiro na entrada do bosque e da paixão das meninas por aquilo, correu até lá e respirou quando encontrou Maria Flor e Aninha sentadas no meio do caminho fazendo amizade com uma formiguinha que encontraram.

Em: 11-09-2019  
Às 15:01  
Terra-Firme

## Um dia apenas

Por Carla Marinho

O dia estava completamente nublado, o que não lembrava nem um pouco aquela época do ano, mas nada iria apagar o brilho daquele dia em que cada detalhe havia sido planejado muito antes da chegada de quem conseguira despertar sentimentos por tanto tempo adormecidos. Ambos eram inconstantes e desprendidos, e apesar do medo que pairava de um simples caso tornar-se algo mais sério, não conseguiam por um ponto final em seus encontros que ocorriam cada vez mais frequentemente; sentiam a necessidade do cheiro que fluía de seus corpos, a sensação do toque, o sabor dos beijos, o olhar que penetrava no fundo da alma, as carícias que estremeciam a ambos, e que os levavam ao delírio, embalados ao som de suas próprias vozes que emitiam sons de mais puro prazer. Ela estava vivendo o sonho que alimentara durante anos!

Jacqueline estava ansiosa para abrir sua caixa de e-mail e verificar se Louis havia confirmado presença no evento que ocorreria naquela noite, o lançamento do livro de Mabelle, amiga de trabalho dos dois. Sentou, digitou rapidamente seu *login* e senha e para sua alegria ele iria, e sozinho, tudo perfeito! Correu para o banho e quando olhou para seu óleo corporal uma sensação gostosa percorreu seu corpo, pois lembrou que, na semana passada, antes de fazerem amor ele a massageou usando-o, e a lembrança das palavras ditas invadiram novamente sua mente.

Louis não estava vivendo um período muito fácil, o divórcio havia sido difícil, mesmo com o apoio da família e dos amigos, em especial de Jacqueline. Não conseguia entender como após tantos anos como amigos poderia estar vivendo um caso com sua melhor amiga, aquela que de forma tão sutil e particular o havia conquistado, se perguntava em que momento ela

tornou-se tão necessária em sua vida. Apesar da química existente entre eles, sentia que o caso estava ganhando outras proporções.

Quando Jacqueline saiu do banho verificou seu celular e não havia nenhuma mensagem de Louis. Ficou em dúvida se enviava ou não, achou melhor terminar de se arrumar; mas vestiu uma lingerie extremamente sexy, já que não sabia se iriam se encontrar durante o dia; mas queria estar preparada. Optou por um vestidinho básico, preto, e seu inseparável scarpán, não era muito alto mas combinava perfeitamente com o look que havia montado: maquiagem tudo olho e nada boca, perfeito, amarrou os cabelos fazendo um simples rabo de cavalo, estava pronta!

A campainha tocou insistentemente Louis se dirigiu até a porta, lá estava um entregador com um envelope grande e vermelho, não havia remetente, mas ele reconheceu a letra de Jacqueline. Sem entender nada abriu rapidamente o envelope onde havia apenas um endereço localizado no centro da cidade, o bilhete dizia:

Por mais raro que seja, ou mais antigo,  
Só um vinho é deveras excelente  
Aquele que tu bebes docemente,  
Com teu mais velho e silencioso amigo.

Mário Quintana

Rua: Bráz de Aguiar nº 50, Nazaré.

Rapidamente pegou a chave do carro e a carteira e saiu atrás do endereço. Incrível como Jacqueline conseguia surpreendê-lo a cada novo encontro, pois este era um indicativo de que ela queria vê-lo. O trânsito estava lento havia começado a chover, Belém ficava um caos quando chovia e naquele dia não estava sendo diferente, não havia vaga para estacionar o que o deixou irritado, estava ansioso e isso o maltratava. Quando enfim desceu do carro e caminhou quase um quarteirão para chegar ao número indicado no bilhete, viu que o endereço correspondia a uma sofisticada loja

de vinhos *Grand Cru*, será que ela estava lá? Ao entrar o sommelier veio ao seu encontro.

- Senhor Louis? – Disse o homem de estatura mediana.

- Sim. – Respondeu Louis.

- Sinta-se à vontade, gostaria de sentar enquanto vou buscar sua encomenda?

- Obrigado, mas pensei que iria encontrar uma amiga aqui...

- Jacqueline?

- Sim, você a conhece?

- Fizemos um curso de gastronomia francesa há muitos anos atrás e recentemente tive o prazer de reencontrá-la

- Ah... ela está aqui?

- Não, mas reservou uma garrafa de vinho e disse que você viria buscar ...aguarde um momento.

- Sim ... – O que Jacqueline estaria armando agora pensou Louis?

- Aqui está, ela tem um ótimo gosto, escolheu um excelente vinho *Tawny* envelhecido, é um vinho do porto que passa por um período de envelhecimento em carvalho, o período pode variar entre 10 e 40 anos, seu sabor é característico do mel, madeira, canela e chocolate. Perfeito!

- Obrigado...quanto custa?

- Desculpe-me, mas nossa cliente já efetuou o pagamento. Ela deixou um envelope para entregá-lo quando viesse buscar o vinho ... aqui está.

- Ah, obrigado novamente.

- Volte sempre!

Louis voltou para o carro rapidamente, uma sensação agravável o havia invadido, mas não sabia explicar...quando sentou abriu o envelope que continha um segundo bilhete...

Nada é mais marcante que o cheiro,  
é único e singular numa pessoa...

Traz lembranças, remete-nos ao passado,  
e nos faz sentir tudo de novo...

Radiante.

Almirante Tamandaré, 1013.

Tudo aquilo estava se tornando um joguinho interessante, pensou em ligar para Jacqueline, mas preferia esperar e ver em que tudo aquilo iria acabar...seguiu para seu novo destino. O trânsito continuava lento e a chuva estava torrencial, rapidamente estacionou aguardou a chuva diminuir de intensidade e caminhou até o número indicado.

- Bom dia! – Disse uma vendedora que lhe parecia familiar.

- Oi, bom dia!

- Você deve ser o Louis amigo da Jacqueline, acho que já nos vimos algumas vezes, sou prima dela, Sophia.

- Sim, recordo de você em um dos aniversários dela.

- Isso mesmo, tenho uma encomenda para você...por favor me acompanhe.

- Claro!

Sophia entregou duas embalagens de presentes, uma destinada a ele e outra era para Jacqueline, presente de Sophia para a prima que havia feito aniversário há poucos dias.

- Acho que ela vai gostar deste perfume. Lembro-me quando o usava nas férias de julho, fragrância suave adocicada é um perfume floral, frutado, *Marc Joseph*; é um dos melhores perfumes franceses que temos na loja.

Louis recordou de um incidente que ocorrera há muitos anos atrás quando Jacqueline esquecera sua jaqueta no carro dele - durante dias desfrutou daquela fragrância que descrevia muito bem sua amiga, suave e intensa!

- Ah, Louis ela pediu que lhe entregasse essa caixinha também.

- Obrigado!



- Espero que goste do seu perfume, ela mesma fez questão de escolher, hoje é seu aniversário, não é?

Não era, mas ele respondeu afirmativamente balançando a cabeça.

- Parabéns! É uma pena Jacqueline ter viajado, vocês são amigos há muito anos.

- Viajou?! Desculpe-me havia esquecido, você sabe para onde ela foi? E quando volta?

- Não...mas posso ligar para ela daqui se você quiser...

- Não, não, obrigado!

- Ok, e feliz aniversário novamente.

Louis saiu da sala sem entender nada, dois presentes e ela viaja? Como assim não havia comentado nada sobre viajar! Entrou no carro e abriu a caixa, dentro estava um cartão de memória com adaptador e outro envelope. O terceiro bilhete dizia:

Uma dose de poesia, o som de um violão, um pouquinho de sarcasmo e acrescente o que sua imaginação permitir....

Aline Diedrich.

Será que ela havia voltado a tocar? Pegou o adaptador e acoplou ao aparelho de som do carro e ficou surpreso, ela havia voltado a tocar, seu coração acelerou, pois sabia como aquele momento era importante para ela e principalmente o que representava. Jacqueline tinha deixado de tocar desde quando perdera sua filha, num acidente de carro... as notas do piano eram de uma música que tocava para a pequena Emma. Seus olhos encheram-se de lágrimas, Jacqueline estava compartilhando com ele o que tinha de melhor... as lembranças... no envelope havia uma chave e o seguinte endereço:

Travessa Dom Romualdo de Seixas, 1792 1º andar apto 2.  
Esteja lá às 20 horas.

Deixei uma caixa de presente na sua cama, gostaria que usasse o que está dentro esta noite. Ah, use o perfume...

Jacqueline.

As horas não passavam e Jacqueline não enviava nenhuma mensagem, nenhum telefonema e às 18 horas seria o lançamento do livro de Mabelle, será que ela estaria lá? Louis se arrumou e vestiu a cueca box branca que estava na caixa, escolheu uma calça social cinza e uma camisa vinho, ele sabia que ela gosta de cores fortes, pois, segundo ela, realçava seu rosto e o deixava mais jovem. Uma última olhada no espelho e ficou contemplando o perfume que havia ganhado.

O espaço que Mabelle escolhera para o lançamento de seu livro era muito acolhedor, a decoração rústica quebrava o padrão dos estilos de ambiente em que ocorriam este tipo de evento. A música ambiente, as luzes desfocadas davam um clima especial. Louis estava conversando numa roda de amigos quando ouviu um boa noite familiar, Jacqueline estava usando um vestido vermelho que realçava sua cor de pele, os sapatos como sempre altos deixavam suas pernas bem torneadas, e ele se perguntava, o que ela estaria usando por baixo? Seu perfume invadiu o ambiente e a vontade que Louis sentia era de tirá-la de lá e juntos se entregarem ao desejo que sentiam um pelo outro.

Após muita conversa e as palavras de Mabelle que estava extremamente emocionada com o sucesso do lançamento, Louis procurou Jacqueline, mas ela desaparecera, ele então entendeu que estava na hora de ir até o local do encontro, não poderia chegar somente com o vinho, o que poderia levar? No caminho comprou duas taças vermelhas, uma rosa vermelha e pétalas de rosas de todas as cores, daria um toque a mais nesta noite que já estava sendo única.

Somente dois toques na campainha e ela abriu a porta, seus olhos se encontraram e ambos tiveram a mesma sensação de serem invadidos. Ela então o convidou para entrar.

- Entre, por favor. – Ela afastou-se para que ele pudesse entrar.

- Nossa! Você está deslumbrante, trouxe essa rosa para você e duas taças que combinam com seu vestido. Acredito que tomaremos o vinho hoje. – Ele tirou o vinho da sacola e se dirigiu para a cozinha, e pôde ver que ela havia preparado algo para comerem.

- Obrigada! Você está usando o perfume que pedi e espero que por baixo da calça elegante também esteja usando o presente que deixei para você. – Seu sorriso e olhar eram maliciosos.

Pela primeira vez sentiu seu rosto corar diante da cantada maliciosa de uma mulher, mas não era uma simples mulher....

- Sim, e estou louco para descobrir o que você fez para o jantar...

- Bom...de entrada temos cheddar velho para acompanhar o vinho, como prato principal terrine de legumes e como sobremesa um flan de chocolate. Espero que goste, não são minhas especialidades...

- Nossa, não consigo nem imaginar o que mais você é capaz de fazer, quanta criatividade! O próximo livro a ser lançado será o seu...

- Só busco momentos únicos ao lado de uma boa companhia. Aceita uma taça de vinho?

- Na taça vermelha?

- Claro! Enquanto você abre o vinho vou pôr uma música para tocar.

Louis sentiu-se feliz, mas a sensação de felicidade foi interrompida com o som, ela iria dançar?!, Mas ela trocou rapidamente. Ele nunca a tinha visto dançar, sabia que ela gostava muito de música e do efeito que o som tinha e tem sobre o corpo, por muitas noites desejou que ela dançasse para ele, reprimiu seus pensamentos todas às vezes, pois na época ambos estavam casados, só que agora, naquele momento não havia nada que pudesse impedir os dois.

- Jacqueline...dança para mim?

O olhar dela ficou ainda mais penetrante.

- Você tem certeza?

- Desejo este momento há muito tempo. Dance para mim?!

Ela acendeu um incenso e duas velas que estavam sobre a mesa e dirigiu-se para o quarto, o nervosismo tomou conta de Louis. Quando a porta abriu ela estava vestindo uma roupa de dança do ventre azul safira assim como as joias e o lenço, Louis pensou que seu coração iria parar, como num único dia aquela mulher conseguira despertar tantas sensações e emoções diferentes? Ela então começou a dançar e ele ficou atento a cada movimento, já não suportava mais de tanto tesão e a agarrou levando-a para a cama, o perfume, o sabor do vinho e de seus lábios, o calor do seu corpo, o som da música e os olhos, que olhos penetrantes! Jacqueline tirou a roupa de Louis lentamente e pôde contemplar por frações de segundo, a cueca – ela tinha fetiche por cueca box branca – que havia deixado de presente pela manhã na casa dele, ele tirou com cuidado a roupa dela, acariciando cada parte do seu corpo, ela o puxou para si e naquele momento tudo que ela queria era se entregar para aquele homem, senti-lo dentro dela.

Jaqueline ficou em cima de Louis e conduziu a penetração oscilando a velocidade do jeito que gostava e sabia que seu parceiro apreciava vê-la em estado de puro êxtase. Louis lentamente reverteu à posição, ele sabia o quanto ela gostava de sentir-se dominada na cama e aquela posição era perfeita para fazê-la sentir-se assim. Ele a sentou de frente no seu colo e numa sequência de movimentos frenéticos ambos gozaram, em seguida ficaram deitados um ao lado do outro, estavam exaustos e satisfeitos. O silêncio foi quebrado por ela:

- Vamos jantar?

Ele então ficou contemplando aquele rosto familiar que ao mesmo tempo revelava outra mulher, uma nova mulher que conseguiu não somente

satisfazê-lo sexualmente, mas aguçar e também satisfazer todos os seus sentidos. A noite estava só começando, ele pensou.



## A mala

Rosa Correia

Meu marido e eu passamos uma semana em Belém, visitamos os amigos, nos divertimos em todas as visitas, comemos muito, conhecemos lugares que ainda não conhecíamos, tudo foi tranquilo, muito sol, muita chuva, nada fora do normal.

Mas, chegou o dia de voltarmos para casa e parecia que tudo seria rápido e sem grandes problemas, porém...

Ainda em Belém

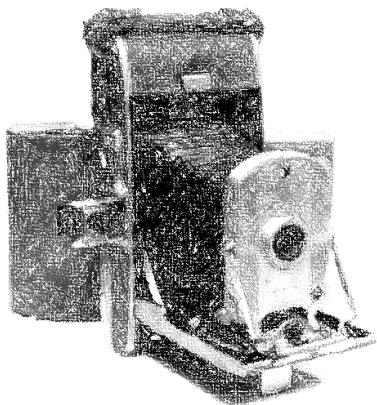
Minha mala abriu. Está torta. Ai não veda bem, qualquer solavanco ela se abre. Ela é daquelas duras. Pois bem, abriu quando o Uber chegou, já na saída de casa. Aí resolvi embalar no aeroporto. O caba da loja que embala bagagens tinha sumido, ficamos esperando. Daí nada dele aparecer, eu saí correndo aeroporto a fora procurando esse macho, achei e vim arrastando. Ele levou 300 anos para embalar. Quando fomos pagar não tinha Internet. Vai para lá vem para cá, a internet voltou, aí pago. Saímos correndo e a fila estava imensa. Chamamos a operadora, ela falou no rádio e aí as portas do avião tinham acabado de fechar. Aí voltamos para a fila, já desesperados para ver como resolver e já sentindo o golpe na carteira. Mas disseram que não pagava nada, que escolhêssemos o voo de volta, manhã ou tarde. Alívio.

Quando contei para o povo de Belém todos disseram que era para nós ficarmos. Sabe lá o que ia acontecer nesse voo. Foram muitas coisas que aconteceram. Mas, até Recife foi tranquilo. O problema foi lá. Nós deveríamos ter chegado às 10h e 50min, mas, não tinha aeronave. Quando a mulher falou que íamos embarcar de 11h e 30 min, a coitada quase apanha. O saguão lotado, só o povo que vinha para Maceió. Quando ela disse 11 h e 30 min, aí teve gente que levantou e foi um coro "como assim?". E ainda eram 9 e 30h, a gente chegou aqui 15 para as 9h. Daqui a pouco alguém pegou o microfone e ficou sacaneando. "Passageiros da X, nosso voo não será o mesmo sem vocês", com a voz do Google. Todo mundo começou a rir. E o

povo da X doido para descobrir quem era o palhaço. Acho que hackearam o rádio deles. Acabou sendo divertido e ganhamos batata chips com pedido de desculpa. E o voo que seria de 50 min foi feito em 30 min. Todos felizes.



## As autoras







**Denise Sá:**

Denise Sá, fotógrafa autoral, bacharelado e licenciatura em filosofia pela Universidade Federal do Pará, com experiência como mediadora cultural. Campo de atuação fotográfica *street foto*, cultura e identidade. Campo de pesquisa, filosofia e arte. Integrante do grupo de pesquisa Visagem-Grupo de Estudos em Antropologia Visual e da Imagem - UFPA.



### **Ana Carolina Mata**

Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará, especialista em Controle, Prevenção e Intervenção de Violências, assistente social voluntária - Clínica de Atenção à Violência - UFPA. É pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Mulher e Relações de Gênero Eneida de Moraes (GEPEN-UFPA), Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Violência na Amazônia (NEIVA-UFPA), Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem (Visagem-UFPA), Grupo de pesquisa NósMulheres e integra a Rede de Mulheres Negras. Participou do 3º Ciclo do Programa de Melhoria, Acesso e Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-Ministério da Saúde).



### **Waldileia Amaral**

Agrônoma de formação (UFRA) possui mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Pará (2007) e doutorado em Ciências Sociais, com ênfase em sociologia pela Universidade Federal do Pará (2016). É pesquisadora associada ao Instituto Internacional de Educação do Brasil e do Núcleo de estudo em Educação e Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA-Campus Castanhal/PA.



### **Gê Dias:**

Sou Geisianne Dias, ou simplesmente Geisi. Sou jornalista, assessora o SINTEPP, Sindicato das Trabalhadoras e Trabalhadores em Educação do Pará desde 2013. Comecei minha trajetória no teatro de rua com os diretores Genésio Barros e Otavio Freire. Arte é essência e da experiência com o Arké parti para o grupo Maromba, dirigido por Ramon Stergman. Até chegar ao coletivo Churume Literário onde fiz meu primeiro monólogo. Em 2009 ingressei no curso superior, através de uma bolsa do ProUni. Na FEAPA cursei Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Militei na Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social, a ENECOS e no Centro Acadêmico Gestão Voz Ativa. Antes de partir para a assessoria de comunicação do sindicato ainda trabalhei na redação do Jornal Diário do Pará e na Rede TV. Atualmente faço parte da ONG Olivia, que luta pela defesa dos direitos da comunidade LGBTQI+ e desenvolve ações em favor da diversidade sexual e de gênero dentro e fora da UFPA, onde está sua sede. Este ano também iniciamos o projeto piloto da rádio Utopia Marginália, um

espaço musical e de interação literária que traz para o centro do debate temas da atualidade. Além da poeta Alice Ruiz, nossos programas já abordaram a questão LGBTQ+ das mulheres negras e indígenas e como elas se expressam na sociedade atual. Sou mulher, feminista, negra, bissexual, moradora da periferia e defensora dos direitos humanos.



### **Shaira Mana Josy**

Shaira Mana Josy (Joseane Franco Teles), graduada em Pedagogia (UFPA), técnica em enfermagem, rapper, Mc, poeta, escritor, feminista negra, Zulu queen afroindígena, produtora cultural. Integra os coletivos: Marias (mulheres feministas) e Mocambo (movimento negro do Pará). 2018 lança o primeiro livro de poesias intitulado "PoEusia" e em 2019 o segundo, "Poesia que protege".



### **Lyah Corrêa**

Sou Lyah Corrêa e de múltiplas possibilidades existncias. Poderia fechar dizendo que sou trans, psicóloga, leonina, ativista e cuidadora da minha mãe, mas sou tantas outras coisas que uma única identidade seja ela política ou social não me definiria. Tenho 38 anos e minha afirmação começou quando firmei os pés neste mundo. Se eu fosse dividir minha vida em dois momentos dividiria por base na linha dos desejos. Sim, de um lado, os desejos dos outros a mim e de outro lado, os meus desejos. Um percurso de vida marcado por convicções e incertezas. Foi na academia que minhas dúvidas aumentaram. Isso foi ótimo, pois me fez perceber que o lugar do científico nem sempre é o lugar da verdade. Na Psicologia me instalei, mas foi no ativismo que me reinventei, ressignifiquei minha dor. Atualmente, sou mestra em Psicologia, ocupando um lugar de saber-poder historicamente negado a mim. Diria que de cliente passei a ser a terapeuta, aquela quem diz algo. Aquela que narra um contra discurso e abre caminho para muitas outras vozes que também necessitam dizer algo. Dentro ou fora da academia, os meus posicionamentos refletem muito do que ainda eu gostaria de alcançar.



**Jennifer Sales:**

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade da Amazônia (2008); especialista em Metodologia da Pesquisa Científica pela Universidade do Estado do Pará (UEPA); Aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA). Atuação profissional e acadêmica: como integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Infâncias, Crianças e Juventudes-Juerê (UFPA); colaboradora do Grupo de Pesquisa de Gênero, Sexualidade, Educação e Geração-GENSEG (UEPA) e do Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes (GEPÉM).





**Lucélia Ferreira**

Apaixonada pelos fins de tardes e pôr do sol, costumo acalmar a alma ouvindo o som das águas na beira do rio, nascida na cidade e com o coração no campo, sou professora da educação básica na rede municipal de ensino de Belém e especialista em Educação na Secretária de Estado de Educação, graduada em pedagogia e mestra em antropologia, tenho interesse em temas como juventude rural-campo, educação do campo, educação de jovens e adultos.



### **Raida Trindade**

Graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade da Amazônia em 2003 e mestrado em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, pela Universidade Federal do Pará em 2007. Estuda doutorado na UFPA desde março de 2015. É Analista em Gestão Pública - Ciências Sociais na Defensoria Pública do Estado do Pará. É pesquisadora dos seguintes grupos: Visagem; e no Grupo de Estudos e Pesquisas com Crianças, Infâncias e Juventudes (JUERÊ).



**Alanna Souto:**

Sou professora e pesquisadora engajada em uma “nova” Cartografia histórica da Amazônia dentro e fora da academia. E de fora para dentro ou ainda rompendo os muros do colonialismo interno. No sentido de pensar, articular e investigar formas de conhecimentos e práticas de saberes tradicionais sócio-espaciais, geralmente, escamoteado dos mapas oficiais do Estado. Meu campo político se faz no fazer científico e educacional. Nas artes com versos e prosas. Sou militante intelectual na formação de uma esquerda étnica-racial. Sou contista, cronista e poeta. Umbandista. Escrevo sobre umbanda e afro-religiosidades diversas. Autora do domínio [www.semeadura.com](http://www.semeadura.com). Minha infância foi marcada por redes e bubuia à beira rio na casa de minha vó paterna Duvalina e parentes no Rio Mojú. Passear de canoas e sobreviver a revirada delas. O mergulho é tão profundo quanto a queda no canal salva por

uma bota que a licença poética me permite lembrar. “Tomar banho de canal quando a maré encher”.

Considero-me uma mulher cabocla, descendente dos povos indígenas e afro-amazônicos, pois sou neta de avós ribeirinhas, um avô materno negro e filha de um caboclo vindo do rio Moju que conta em suas memórias e das lembranças de meus tios, tias sobre minha bisavó indígena das margens do rio Mutuacá. A ancestral perdida, nunca, jamais esquecida. Não vivo da miséria da teoria. Nem da teoria da miséria. Minha utopia é a criação de uma universidade dos povos tradicionais. Minha distopia é a morte cotidiana de nossa posição. De nossos lugares. Sem privilégios e sem máscaras brancas falecimentos precoces na contramão da nossa (R) existência.



**Euzalina da Silva Ferrão**

Euzalina Ferrão, nasceu no Rio Ituá, no município de Muaná, na Ilha de Marajó, no Estado do Pará, tem graduação em ciências sociais com o trabalho, na pós-graduação fez o mestrado em antropologia. O doutorado também foi em ciências sociais com ênfase em antropologia, todos realizados na Universidade Federal do Pará-UFPA. Servidora pública do Governo do Estado do Pará, atualmente cursa licenciatura em letras língua alemão, no Instituto de Letras e Comunicação-ILC-UFPA; participa desde o início dos Seminários Angel, coordenado pela Professora Doutora Maria Angelica Motta-Maués.



Nina e eu

### Leila Leite

Eu sou Leila Leite (Leila Cristina Leite Ferreira), moro no bairro da Terra Firme, periferia de Belém do Pará-Brasil, nasci em 13 de abril de 1976, sou filha da Dona Célia e do Seu Lió, ela dona de casa e ele pedreiro. Fiz parte do Coletivo Churume Literário, faço parte agora do Coletivo Utopia Marginalia, organizo junto com Lucélia Ferreira, Geise Dias, Jorgete Lago, André Leite, Alanna Souto, o *Podcast* Utopia Marginalia, onde trazemos algumas pessoas importantes para desvendar suas histórias e sua militância, poesias, músicas e principalmente, utopia. Sou gateira. Na academia, sou graduada em Ciências Sociais, mestre e doutora em antropologia, faço parte de alguns grupos de pesquisa, Visagem e Gepem e sou editora da Revista Visagem. Nina Simone é a gatinha mais nova da família, muito esperta, chegou aqui bem magrinha, quase morrendo de fome, mas rápido se recuperou e vez ou outra dá um perdido em todo mundo



**Carla Marinho**

Graduada em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, no ano de 2006 pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Graduada no Curso de Letras, no ano de 2011, pela Escola Superior da Amazônia - ESAMAZ. Especialista em Planejamento e Desenvolvimento de Áreas Amazônicas, pelo Programa FIPAM XXI, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA, no ano de 2007. Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA, da Universidade Federal do Pará - UFPA. Atualmente é doutoranda em Antropologia pelo mesmo Programa. É membro do Grupo de Pesquisa NOSMULHERES, Grupo de Estudos e Pesquisas com Crianças Infâncias e Juventudes/JUERÊ. Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e Imagem (VISAGEM), e Grupo de Estudos e Pesquisa Eneida de Moraes - GEPEM.



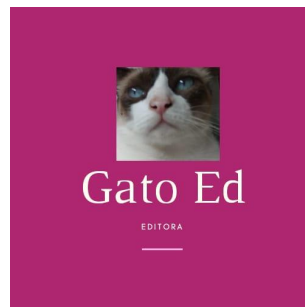
**Rosa Correia**

Negra, nordestina, antropóloga, professora de relações públicas, amante do Pará, alagoana de nascença, gateira, gaiata também.





## Editora Gato Ed



A Editora Gato Ed foi pensada em um dia de escrita junto ao gatinho Ed, ele sempre está por perto quando me disponho a estudar, escrever, pensar, produzir qualquer coisa. Ele dorme ao lado do computador, mas também em cima dele, sobre os papéis e exige muita atenção quando quer ficar por perto de humanos.

Esse é o Ed, o gatinho que inspirou o nome dessa editora que tem por objetivo a publicação de livros que façam pensar a diferença, as histórias e as pessoas que não estão enquadradas nas caixinhas impostas por terceiros, textos que mostrem a cara de quem tentam silenciar, mas que diz tudo sobre tudo, sobre si e sobre a sociedade que lhes impões aquilo que aos poucos ou com um tiro lhes mata, livros que tratem de literatura com a mesma força e intensidade com se come um bom prato de arroz e feijão para matar a fome de escrever, de dizer, de gritar, que arranca de dentro tudo o que precisa e quer ser posto para fora, textos que não obedecem, que transgridam o pensamento e confundam as certeza. Essa é a Editora Gato Ed, esse é o gato Ed.

Editora Gato Ed também é uma busca por novos e todos os meios de fazer literatura e ciência, usar e abusar do que a internet disponibiliza, divulgar seus textos no Instagram, *e-books*, *blogs*, *facebook*, *Whatsapp*, *Youtube*, *e-mail*, *fanzines*, folhas de papel, novos e velhos meios que se

completam e se espriam, em comunicação, divulgação, livros, com a escrita textual e imagética em pauta e assim conseguir rodas pelos mundos dos livros, dos vídeos, das imagens, das ruas e da criatividade.

A primeira coletânea da Editora Gato Ed está pronta, o título é bem sugestivo: “O Encontro”, a apresentação é de nossa ilustríssima convidada, a antropóloga Denise Machado Cardoso, uma referência nas pesquisas sobre relações de gênero e nas pesquisas audiovisuais, coordenadora de dois importantes grupos de pesquisa, o GEPI-Grupo de Estudos sobre populações Indígenas “Eneida de Assis” e o Visagem-Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem, também é pesquisadora do GEPEM- Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes, é professora do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará e foi uma imensa alegria ela ter aceito o nosso convite e ter se disponibilizado a nos presentear com seu texto feminista. Um detalhe importantíssimo, o mais importante em todas as informações sobre ela é que ela é mãe da Leticia e da Izabel e de dois filhos felinos.

As escritoras e a Editora Gato Ed, em especial, também contaram com a atenta leitura de outra antropóloga, Maria Angelica Motta-Maués, uma pesquisadora referência também nas questões de gênero, nas pesquisas raciais e nas pesquisas sobre família, crianças e infâncias. É pesquisadora do GEPEM- Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes e coordena o Grupo de Estudos Seminários Angel. É mãe de mulheres, avó de dois homens e de uma menina, lara, com quem tem uma relação especial onde suas muitas leituras literárias, filmes e colo de avó estão envolvidos. Angel, como é chamada por suas alunas e seus alunos, também é gateira e uma pessoa apaixonada por literatura e foi um prazer ter a oportunidade que receber seus comentários.

A coletânea faz parte da Coleção Gata Eneida, dá início a ela. Eneida é uma gatinha lourinha, companheira e muito fofa, é amiga de todos os

momentos, é braba e feminista, adora dormir e comer, ela é a inspiração para essa coletânea por ser uma defensora de seu espaço, assim como as mulheres que fazem parte deste livro.







# Gato Ed

EDITORA

---



## Coleção Gata Eneida

EDITORA GATO ED